

Beleza negra de cabeça feita

LIMA, Ingrid Josefa Silva Santos de¹

PORTELA, Andrea Lomeu²

RESUMO

O presente artigo apresenta a construção de uma coleção de moda composta por vinte looks, dentre os quais cinco serão confeccionados e desfilados em julho de 2018. Usamos como base teórica os temas, o negro no Brasil e a visibilidade do negro, destacando o conceito de negritude. E, através da metodologia de interseção, que consiste em utilizar elementos do design de dois temas para a concepção de um terceiro, surgiu a coleção beleza negra de cabeça feita. O projeto visa percorrer a história do negro brasileiro, mostrar sua trajetória e enaltecer a cultura afro-brasileira, além de tratarmos da importância do negro no encontro de sua visibilidade e igualdade racial e o quanto relevante foram os movimentos negros que surgiram nas décadas de 1960 e 1970 em busca dessa igualdade. A coleção traz referências históricas como a roupa de crioula e o movimento *black power*, para revelar a beleza existente na mulher negra, procurando a superação da cultura de julgamento dos traços negroides.

Palavras-chave: Beleza negra. Moda. Negritude.

Abstract: This article presents the conception of a fashion collection project composed of twenty looks, five of them will be made and paraded in July 2018. The afro-descendant in Brazil and the afro-descendant visibility themes were used as theoretical basis highlighting the concept of negritude. And, through the intersection methodology, which consists in using elements of the design of two themes for the design of a third, the Black Beauty Collection of Head Made appeared. The project aims to go through the history of the afro-descendants in Brazil and their trajectory, to enhance the Afro-Brazilian culture, as well as to discuss the importance of the afro-descendants in meeting his racial equality and visibility and how relevant were the black movements that emerged in the 1960s and 1970s in search of such equality. The collection includes references such as creole clothing and the Black Power movement, to reveal the beauty of the black woman, seeking to overcome the culture of judgment of Negroid traits.

Keywords: Black Beauty. Fashion. Negritude.

INTRODUÇÃO

¹ Graduação em Design de Moda pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora

² Doutorado em Ciências Sociais (UFJF)

Os temas a serem tratados neste artigo foram percorridos para a construção de um projeto em design de moda. São eles, o negro no Brasil e a visualidade do negro. O método proposto é o de interseção entre duas temáticas a fim de levantar elementos para uma composição criativa de design.

Mostramos um pouco da trajetória do negro no país desde a sua chegada até suas lutas nos dias atuais por direitos igualitários. Tratamos também do conceito de negritude, em todas as suas formas.

A proposta é mostrar uma visualidade encoberta ou desvalorizada social e culturalmente para desconstruir padrões desfavoráveis em relação aos traços e referências culturais afro-brasileiras. Afinal, foram décadas sustentando uma história na qual, muitas vezes, o negro é visto como sujo e desleixado. Essa imagem vem sendo cultivada desde o período da escravidão, até os dias atuais. Depreciando sua aparência, em especial, os cabelos.

Além disso, passamos anos tendo o nosso olhar culturalmente direcionado por imagens publicitárias que visam o consumo e o lucro. No entanto, a indústria da beleza vem dando cada vez mais espaço à beleza do negro em consequência das transformações socioculturais que questionam os paradigmas que permeiam os valores do que é ou não belo, para isso destacamos os meios digitais entre outros movimentos.

A partir dessa premissa, descrevemos a concepção de uma coleção de moda que procura levar em conta a superação dos modelos de julgamento de modo a valorizar a cultura e a beleza negra.

O projeto está organizado da seguinte forma: primeiro faremos um breve passeio pela trajetória do negro no Brasil, como chegaram aqui e quais eram os seus costumes, além das contribuições dos negros para a nossa cultura. No item seguinte, debateremos sobre os movimentos de contestação pelo mundo, da importância da representatividade negra e sobre o traje que ficou conhecido como a roupa de crioula,

para uma identificação de parte de uma visualidade que se formou no Brasil. E, por fim, falaremos dos elementos que serão usados como referência para a elaboração de uma coleção de moda.

TRAJETÓRIAS DO NEGRO NO BRASIL

Procedemos a uma pequena investigação histórica pela trajetória da população negra no Brasil desde o período colonial e como era a roupa que usavam. Acreditamos que essa história produziu diferenças e hierarquias que estão na raiz de questões que até hoje não saíram de pauta. Afinal, questões como o preconceito, injustiças sociais e racismo voltado à comunidade negra são heranças da colonização das Américas e do capitalismo colonial moderno (SILVA, 2011).

Essa busca visa encontrar traços e características marcantes que o povo negro elaborou em *Terras Brasilis*, por vezes, à custa de sangue e suor, decorrentes do modelo de trabalho e exploração a que eram submetidos. E como ficou registrado no poema Navio Negreiro, um manifesto de Castro Alves:

Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...
(ALVES, apud PINSKY, 2017 p. 25)

A prática do tráfico de escravos para o Brasil visava atender à grande procura de mão-de-obra para os trabalhos nas lavouras de cana-de-açúcar, café, na mineração e para uso nos serviços domésticos. Devido a isso, milhares de escravos

foram trazidos para o país (PINSKY, 1997). Essa demanda aumentou significativamente nos séculos XVI e XVII. Nesse período, o negro escravizado era visto como mercadoria, o tráfico era feito visando apenas o lucro que resultaria dessa venda, nesse momento, o negro escravo foi desumanizado e coisificado (SILVA, 2011).

Durante os dois primeiros séculos de escravidão, o tráfico de escravos era feito, em sua maioria, onde hoje é conhecido como Guiné e adjacências, e cidades da Angola como Luanda e Benguela. Pinsky (1997, p. 24) ressalta que, “[...] o porto de origem do escravo não tinha, necessariamente, relação com sua origem étnica. [...] a captação dos escravos dava-se com frequência, no interior, muitas vezes a distâncias significativas dos locais de embarque”.

Vindos de diversas partes, todos chegavam ao porto na mesma condição de cativos e, apesar de terem costumes diferentes, crenças variadas, idiomas que nunca ouviram antes, havia algo em comum: todos tinham sido tirados à força de seus lares e estavam temerosos.

Por esse ângulo, não é difícil entender por que eles não se rebelavam para fugir, pois, na maioria dos casos, a revolta era sinônimo de suicídio. O castigo dado pelos europeus era o silêncio completo, não havia alternativa. Ficavam aglomerados em uma espécie de depósito em que aguardavam o navio negreiro. Quando o navio chegava, os negros eram embarcados por ordem de chegada ao galpão e seguiam rumo ao desconhecido (PINSKY, 1997).

Chegando ao Brasil, no momento da venda dos escravos, não era incomum algum senhor escolher cativos de localidades diferentes pensando na falta de comunicação que haveria entre eles e, conseqüentemente, impossibilitando qualquer tipo de motim (PINSKY, 1997).

A chegada de negros escravizados de diversas partes e a diversidade cultural entre eles, somada aos costumes europeus adquiridos com o passar do tempo, deram origem a uma indumentária heterogênea utilizada pelo negro escravizado.

A ROUPA EM PRETO E BRANCO: HIERARQUIAS.

O Rio de Janeiro, que era a capital do Brasil durante a primeira metade do século XIX, era habitado por cativos de diversas nações e etnias, “[...] muitos deles procuravam reafirmar a sua condição humana com a recusa da submissão total aos padrões sociais dos seus senhores brancos e manter seus costumes, vestimentas e línguas” (SOARES 2007, p. 85).

Acredita-se que a maioria dos escravizados não conhecia a língua portuguesa e, por isso, buscavam meios alternativos para conseguirem se comunicar com seus senhores e outras pessoas no seu cotidiano. Prova da resistência à aceitação da cultura europeia está em diversas palavras africanas, tais como dengo, búzio, miçanga, cachaça, samba, entre outras que são ditas pelo brasileiro até hoje, ou usadas na influência culinária, como acarajé, vatapá ou abará, e cultos em religiosos de origem afro-brasileira como o Candomblé e Umbanda. Os cativos que falavam melhor o português eram os que precisavam lidar diretamente com os senhores, os que trabalhavam na casa.

Conforme Feijão (2011, p.46), em 1850, dos 270 mil habitantes do Rio de Janeiro, 111 mil eram escravos, que exibiam uma indumentária drapeada e colorida. Nesse período houve uma “redução no volume de escravos”, contudo muitos dos negros, ainda assim, buscavam manter suas tradições.

Na mesma época, o fotógrafo Christiano Junior fez alguns registros de escravos com o intuito de vender essas fotografias para estrangeiros que quisessem levar como recordação da viagem ao Brasil, imagens de “paisagens e dos tipos humanos exóticos que encontravam pelas ruas da Corte [...]”. Essas fotografias eram feitas com fundos cenográficos e que, possivelmente, realizavam algumas alterações na postura dos escravos no momento do registro, quanto às roupas, usavam geralmente “[...]”

seus trajes de origem africana ou roupas de trabalho rotas, os pés descalços, os apetrechos das atividades que desenvolviam suas marcas tribais [...]” (SOARES, 2007, p. 86).

Havia uma hierarquia profissional entre os negros cativos que definia quem se vestiria melhor e teria um melhor tratamento de acordo com a função exercida. Os que tinham uma profissão considerada de melhor status como, por exemplo, escravos domésticos como mucamas, criadas e criados de quarto, amas-secas, mordomos, pajens ou cocheiros, tinham uma aparência mais bem cuidada, afinal, teriam que lidar diretamente com seus senhores (SOARES, 2007).

Na posição intermediária, profissões como: cozinheiras, lavadeiras, copeiros, engomadeiras, e ainda as profissões industriais como costureiras, pedreiros, alfaiates, sapateiros, marceneiros, carpinteiros, calafates, entre outras, além de quem trabalhava em regime ganho, como os barbeiros, vendedores, ambulantes, quitandeiras, remadores, marinheiros e demais. E na posição dos escravos inferiores, tinham os carregadores de carga, e os que faziam despejo de dejetos. Os escravizados por famílias ricas eram sempre motivados por seus senhores a se sentirem superiores, mostrando que eram mais bem alimentados e melhor vestidos e, quase sempre, tinham êxito. Essa era uma forma de os senhores de escravos mostrarem a sua riqueza (SOARES, 2007).

Portela (2017) aponta algumas características dessa hierarquia, na qual podemos observar que quase todos os escravos aparecem descalços em uma ilustração de Debret, com exceção da criada de quarto, sendo ela a única calçada e de cabelos compridos, ainda que presos. Em seguida, aparece a ama-seca, com cabelos cortados bem curtos e os pés descalços. Logo após, um escravo com chapéu grande e roupas que lembram as dos senhores que é seguido por outros dois escravos ainda criança, que estão sem chapéu, descalços e com roupas mais descuidadas.

Podemos observar na Figura 1, em uma das ilustrações do pintor Jean Baptiste Debret como se dava essa hierarquização.

FIGURA 1– Um funcionário a passeio com sua família, de Jean Baptiste Debret



Fonte: Disponível em: <<http://www.campanicultural.com.br/2016/10/um-funcionario-brasileiro-passeio-com.html>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

Faz-se importante ressaltar que os costumes aqui tratados se dão especificamente nos lugares citados, podendo haver alterações de acordo com a região, considerando a diversidade e dimensões do país.

Em 1888, após mais de três séculos de escravidão, houve o decreto de abolição da escravatura, a Lei Áurea. Um dos últimos países a abolir a escravidão. O negro agora seria livre para fazer suas escolhas, realizar suas próprias vontades e viver sua vida. A questão é, de que forma, já que foram todos soltos contando apenas com sua própria sorte? Sem nenhum amparo da lei, a luta do negro a partir desse momento era para mostrar o seu valor intelectual, para provar que sabe fazer mais do que servir e foram esses sentimentos que geraram movimentos de revolução em busca de direitos igualitários (SILVA, 2011). Movimentos que ainda se fazem necessários nos dias atuais.

VISUALIDADE DO NEGRO E MOVIMENTOS NEGROS NO BRASIL

Força e resistência sempre fizeram parte da história do negro. Como movimentos e configurações que constituem a cultura brasileira, um lado da história que ainda é preciso conhecer para que os preconceitos e as chagas deixadas pelo longo período de escravidão sejam rompidas para, enfim, a afirmação da negritude seja construída.

Durante o período de escravidão no Brasil houve movimentos de resistência negra que podem ser divididas, segundo Carneiro (2005, pag. 243), em três aspectos principais, sendo eles:

[...] (a) a revolta organizada, pela tomada de poder, que encontrou a sua expressão nos levantes de negros malês (mulçumanos), na Bahia, entre 1807 e 1835; (b) a insurreição armada, especialmente no caso de Manuel Balaio (1839) no Maranhão; e (c) a fuga para o mato, de que resultaram os quilombos, tão bem exemplificados no de Palmares.

O movimento dos negros malês foi impulsionado pela religião, tinham o intuito de matar o homem branco e acabar com o cristianismo em nome de Alá. Seu último ataque foi em 1835, apesar de estarem bem organizados, não resistiram a revanche da cavalaria da polícia, que acabou por abatê-los. Em 1839, houve o movimento de revolta comandado por Manuel Balaio, esse, ao contrário dos malês, não tinha organização, mas o objetivo também era aniquilar os brancos. Sua forma de ataque era a depredação de propriedades. Por conta da falta de preparo e disciplina foram facilmente dispersados e abatidos (CARNEIRO, 2005).

Contudo, o ato de revolta mais comum nesse período era o de fuga para os quilombos, nesse caso, o objetivo era fugir do sofrimento causado pela escravidão. Houveram vários pelo Brasil, dos quais podemos ressaltar o de Palmares. Esse ficava localizado no nordeste do país, possuía dezenas de povoados que ocupavam cerca de seis mil quilômetros quadrados, a princípio chefiado por Ganga Zumba e depois substituído por Zumbi. O crescimento progressivo do quilombo causava certa preocupação no governo que tentou, por vezes, fazer tratados que resultariam no

aprisionamento dos negros novamente. Como Zumbi não aceitava esses tratados, várias guerras foram ocasionadas na tentativa de prendê-lo. Após inúmeras batalhas, em 20 de novembro de 1695, Zumbi foi morto. A data de sua morte ficou registrada até os dias atuais, como o Dia da Consciência Negra (FRÜBEL e PITT, 2011).

Mesmo após a abolição da escravatura, problemas como a desigualdade social e a depreciação do negro continuaram a existir. Conseqüentemente, outras organizações começaram a surgir, mas agora em busca de igualdade. Movimentos importantes dos Estados Unidos como *Black Power* e *Black Panther Party for Self-Defense*, e líderes como Martin Luther King, Malcom X, entre outros, almejavam igualdade racial e lutavam pelos direitos civis da comunidade negra (AZEVEDO, 2012).

Esses movimentos foram influenciadores de movimentos negros que surgiram no Brasil na década de 1970, eles tinham objetivos variados, desde a busca por direitos iguais para a comunidade negra, até a formação de centros de valorização da cultura negra.

[...]o grupo Palmares, no Rio Grande do Sul, o Centro de Estudos de Arte Negra (Cecan), em São Paulo, o bloco afro Ilê Ayê, em Salvador, a Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (Sinba) e o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), no Rio, o Centro de Estudos Brasil-África (Ceba), em São Gonçalo, no Rio [...] (ALBERTI e PEREIRA, 2005, p. 2)

O Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN), fundado em 1972, por estudantes e artistas, em São Paulo, queria valorizar a cultura negra. Esse projeto auxiliou crianças e adultos negros a se liberarem do sentimento de inferioridade, ampliando o conceito de cidadania e abrindo espaço para o direito a diferença (SILVA, 2012).

Outro movimento de grande importância, foi a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU). As influências vindas de movimentos dos Estados Unidos contribuíram para a elaboração de um discurso radical contra a discriminação racial (DOMINGUES, 2007). Buscar por esses direitos é trazer à consciência o valor do

negro enquanto pessoa, usufruindo o conceito de negritude no sentido político, sendo esse apenas um lado de sua grandeza.

CONCEITO DE NEGRITUDE

A palavra Negritude vem do francês *Négritude*, e foi criada pelo poeta Aimé Césaire, ela aparece pela primeira vez em seu livro **Cahier d'un retour au pays natal** (1939), nesse momento, a palavra apresenta três sentidos, sendo eles: o povo negro, o sentimento ou vivência íntima do negro, a revolta e a consternação, “Césaire funda, ao criar a palavra, uma nova poética, e, a partir dali, os primeiros textos da negritude seriam poemas em que o novo signo transitaria de maneira imprecisa ” (FERREIRA, 2006 p.8).

Negritude só aparece no dicionário brasileiro Aurélio em 1975, em sua primeira edição, foi adicionada sem definição de data, ou mesmo etimologia, forma que é mantida até hoje:

1. Estado ou condição de pessoas negras; 2. Ideologia característica da fase de conscientização, pelos povos negros africanos, da opressão colonialista, a qual busca reencontrar a subjetividade negra, observada objetivamente na fase pré-colonial e perdida pela dominação da cultura branca ocidental (FERREIRA, 2009 p. 1393).

Em português, negritude também possui um conceito dinâmico e pode ser usada em três áreas diferentes. A primeira delas é a política, nesse caso, a palavra serve de objeto de estudo em ações de movimentos organizados. Já no campo ideológico, é usada no processo de aprendizagem de uma consciência racial. E, do ponto de vista cultural, é tratada como toda forma de valorização da manifestação da cultura africana (DOMINGUES, 2005).

Entendermos esse conceito como necessário porque é por meio dele, e em

todos os seus sentidos, que o negro aprende a se valorizar e a perceber que não há nada de errado com a sua cor, que as pessoas são muito mais que suas características físicas (ALBERTI E PEREIRA, 2005).

Trataremos desse conceito, em especial, no âmbito cultural, quando a negritude toma forma de roupa e como consideraremos o traje de crioula.

ROUPA DE CRIOULA

No Brasil colonial, toda criança nascida da miscigenação entre negros, brancos e índios era chamada crioula. Os escravos africanos, diferentemente dos crioulos, procuravam manter suas tradições trazidas da África como, por exemplo, as suas vestes e crenças. Por outro lado, os crioulos, por terem uma relação de proximidade com seus senhores, não tinham o mesmo interesse em manter esses costumes (FREITAS et al. 2005).

A roupa de crioula seria então um traje usado pela mulher negra nascida no Brasil, independentemente se ela era livre, liberta ou escrava. Chataignier (2010) fala que, a princípio, tudo o que os escravos recebiam para usar como vestimenta eram trapos, pedaços de tecidos de algodão para que pudessem cobrir suas partes íntimas, já que a igreja católica não permitia a nudez.

Apesar desse contexto, não demorou para que os senhores de escravos, com o intuito de demonstrar seu poder e riqueza, começassem a encomendar joias de ouro para algumas de suas escravas. Havia também uma preocupação com a aparência das escravas que trabalhavam na casa. Em geral, de acordo com Chataignier (2010 p. 37) elas se vestiam dessa forma:

[...] usavam o corpete, não tão ajustado como o utilizado pelas mulheres brancas ou mesmo afrouxado para permitir melhor locomoção e desenvolvimento das atividades relacionadas ao trabalho. Sobre ele, vestiam uma blusinha curta, ambos recoberto com xales e lenços grandes, lisos ou

listrados. Saias compridas franzidas com pequenas pregas complementavam as roupas.

Outra forma de apresentação dessa roupa é apresentada por Freitas (2005), que diz que a formação do traje de crioula é feita por uma saia rodada; o camisu com bordado ou com renda renascença; o torço ou turbante, sendo ele branco ou colorido; e, o pano-da-costa, que em alguns casos era usado por cima do camisu, como uma bata, sendo o uso da bata uma regra que “foi imposta pelo governador Manoel Vitorino, nos primeiros anos de República, às negras – ganhadeiras ou não – como forma de controlar a exposição de seus corpos nas ruas” (FREITAS, 2005, p. 293). Dependendo da ocasião podiam usar joias como os correntões e os balagandans. Havia algumas variações nas vestes, por conta das diversas tribos existentes e das variadas religiões, porém esse costume era mantido por se tratar de uma tradição do continente africano (CHATAIGNIER, 2010).

Cada elemento desse traje possui um significado. O Turbante é proveniente de influência mulçumana e acredita-se que chegou ao Brasil por meio de escravos islamizados. Já a saia comprida, remete às roupas europeias por possuírem várias anáguas para que ficasse armada. O camisu faz referência à roupa de ração usada no Candomblé, em geral são roupas simples feitas de morim ou cretone e usadas para cumprir as tarefas do dia a dia e períodos de obrigações no terreiro. O pano-da-costa tem como origem a África Ocidental, de onde muitos escravos eram embarcados para o Brasil. Também é possível que o pano-da-costa possua esse nome pelo fato de ele ficar nas costas. As joias, por sua vez, possuem as referências de estruturação afro-brasileiras, “por possuírem elementos do catolicismo, como os bentinhos, e do universo da religiosidade de origem africana, como os distintivos dos orixás” (FREITAS, 2005, p. 294).

Com base nas referências sobre a roupa da crioula, acreditamos que essa seja a primeira roupa genuinamente brasileira, pois foi criada pelas negras nascidas no Brasil. Ela carrega toda a força que essas mulheres tinham e os cuidados que

dedicavam a essa roupa nos leva a perceber que, mesmo em meio às dificuldades, havia grande preocupação com a aparência das roupas e sobre os cuidados de si.

BELEZA NEGRA E EMPODERAMENTO DIGITAL

O reconhecimento da beleza negra é algo que tem se tornado comum, esses passos têm sido dados de maneira lenta, porém constante. Isso vem acontecendo, em grande parte, graças a algumas influenciadoras do meio digital que são negras e buscam, através de suas experiências pessoais, enaltecer essa beleza que geralmente não é vista.

Antes mesmo da era virtual, Malcolm X (1925-1965), um importante líder ativista negro, já fazia esses questionamentos em seus discursos, como podemos observar abaixo:

Quem te ensinou a odiar a textura do seu cabelo?
Quem te ensinou a odiar tanto a cor da sua pele a tal ponto de você se encher de maquiagem para se parecer mais com os brancos?
Quem te ensinou a odiar o formato do seu nariz?
E o formato dos seus lábios?
Quem te ensinou a odiar você mesmo, a odiar-se da cabeça aos pés?
Quem te ensinou a odiar a tua própria raça?
Quem te ensinou a odiar tanto a sua própria raça a ponto de você não querer ficar perto de outros da sua cor?
Antes de você vir perguntar ao senhor Mohammed
Se ele te ensina algo sobre ódio, você deve perguntar a se mesmo quem te ensinou a odiar o fato de ser o que Deus lhe permitiu ser.
Malcolm X

Em janeiro de 2018, a comunicóloga e youtuber Gabriela Oliveira disponibilizou no Canal De Pretas, via Youtube, um vídeo no qual ela fala sobre os traços negroides que carrega em seu rosto, traços esses que ainda são sinônimo de dor e sofrimento para muitas meninas e mulheres que não conseguem aceitar o que é apenas uma característica física do seu rosto. No decorrer do vídeo, ela conta como passou a amar

seus traços e diz que não há nada demais em ter o nariz largo ou os lábios carnudos, características predominantes na população negra.

Hoje, Patrícia Oliveira, através de seus vídeos, ajuda outras mulheres a reconhecer sua beleza e evidencia que a estética do negro independe do que pode vir a ser considerado perfeito e que não se pode deixar de viver bem por conta dessas características.

Outra influenciadora que fala sobre autoestima e aceitação é a youtuber e blogueira Rayza Nicácio, ela dá depoimentos em seus vídeos sobre como passou a amar seu cabelo, mostra a versatilidade que o cabelo crespo e cacheado possui, além de contar suas experiências de como foi difícil enxergar sua própria beleza na infância.

A escritora e fundadora do Projeto Pixaim, Neusa Baptista, fala em seu livro **Cabelo Ruim?** (2016), sobre a importância da construção da autoestima da criança negra. O projeto Pixaim é um projeto cultural criado em Cuiabá MT, com o intuito de debater diferenças raciais e empoderar crianças. E o livro é direcionado ao público infantil, conta a história de três meninas negras com personalidades totalmente diferentes, que têm um problema em comum: o cabelo. Ela trata a questão do *bullying*, que é uma agressão verbal ou física, sofrida na escola pelas meninas por conta do cabelo crespo, e que, nesse caso, tão importante quanto o apoio da família para a criança que está sofrendo, é a família da criança agressora corrigi-la. Outro assunto abordado é a falta de representatividade para essas crianças, como quando elas procuram referências em suas bonecas e em modelos na televisão, mas não as encontra.

Livros como o de Batista (2016) são importantes para que a criança se sinta representada. E foi com esse mesmo intuito que surgiu o projeto *Abayomi* como veremos a seguir.

REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA: NA INFÂNCIA E NA IDADE ADULTA

Nos anos de 1980, começa a se solidificar a ideia de que toda raça tem sua beleza. E com base nesse discurso, viu-se a necessidade da confecção de bonecas negras. O surgimento dessas bonecas teve grande relevância, pois elas serviram como parâmetro educativo e modelo referencial para crianças negras. A valorização dos traços negroides, faz com que as crianças se reconheçam naquele brinquedo, desta forma ela cresce sabendo que faz parte de uma comunidade e não está excluída dela (SANTOS, 2000).

Dentre os modelos de representatividade negra para as crianças estão as bonecas *Abayomis*. Essas são feitas a partir de retalhos de tecido, sem cola ou costuras, suas partes são unidas por nós ou tranças. A boneca *Abayomi* pode ser representada de diversas formas. Foi a artesã Lena Martins quem as criou, e, em 1988 fundou, junto à outras mulheres, a cooperativa *Abayomi* no Rio de Janeiro, para valorizar a cultura negra e empoderar a mulher (FILIPINO, 2017).

Conta a história que, quando os africanos estavam sendo transportados da África para o Brasil, nos navios negreiros, para aqui serem escravizados, as mulheres que viam seus filhos chorando, sem ter muito o que fazer, rasgavam suas roupas e faziam bonecas a partir daqueles retalhos, com a intenção de acalantar a criança. Dessa forma, a boneca servia como amuleto e proteção (FILIPINO, 2017).

Outro símbolo de empoderamento feminino é o Turbante, que será escrito com letra maiúscula, pois, para além de acessório, trata-se de uma ligação com a ancestralidade africana, como também é parte da indumentária de religiões de matrizes afro-brasileiras (SILVA, 2017).

As pioneiras no uso do Turbante no Brasil são as negras que eram mantidas escravizadas na ocasião do descobrimento do país. Algumas delas usavam como

forma de proteção da cabeça e como auxílio no equilíbrio enquanto carregavam baldes de água e madeiras. Outras usavam para proteger o cabelo no momento de preparo das refeições. No entanto, as baianas usam até hoje como parte da sua indumentária e símbolo da religião praticada (SILVA, 2017).

Ainda não se sabe ao certo o local de origem dos Turbantes. Acredita-se que um dos primeiros lugares em que foi identificado o seu uso foi no Antigo Egito, em *Kemet* ou *Khemet*. Outra hipótese é de que os primeiros persas também fizessem o uso de um acessório na cabeça que poderia se tornar um dia o Turbante. Silva (2017) explica ainda que em algumas regiões o uso do Turbante era feito apenas por homens.

Atualmente, o Turbante é usado em diversos lugares do mundo e conhecido por diversos nomes como *Doek*, *Gélè*, *HeadCloth*, *Headtie*, *Headwrap*, *Iqhiya*, *Nemes*, *Ojá*, *Pano De Cabeça*, *Scarthead*, *Torço* e *Turban*. Mais recentemente, vem sendo chamado de Coroa, por representar o poder e a autoestima da mulher negra ao usá-lo (SILVA 2017).

De acordo com Silva (2017, p. 13) “[...] é imprescindível reafirmar o símbolo que o Turbante representa: autoafirmação, empoderamento negro, resistência ao sistema racista e segregacionista, conexão ancestral e fortalecimento da Negritude.”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio de criar uma coleção de moda que perpassa por essa trajetória foi motivada pela necessidade de trazer visibilidade à comunidade negra, além de debater assuntos como os padrões de beleza eurocêntricos, que comumente excluem ou apagam a beleza do negro. Esta constatação se dá, inclusive, pela experiência vivida e que é observada desde minha própria infância.

Em casa, nunca falavam sobre a cor da pele, sempre que se referiam a mim, falavam que era ‘moreninha’ e foi apenas depois de certa idade que descobri que não

me enquadro no grupo das morenas, já que morena é uma pessoa de pele clara que possui cabelos escuros. Comecei a me perguntar por que as pessoas têm tanta dificuldade de se assumirem negras, ou até mesmo de falar que determinada pessoa é negra e cheguei à conclusão, que a verdade é que, para muitos, ser negra é sinônimo de ser suja, a palavra soa um tanto quanto pesada demais, quase como se fosse uma ofensa falar que alguém é negro e essa forma de pensar é comum tanto para negros quanto para brancos, sendo esta apenas uma das heranças do período escravista que o negro carrega.

A importância de trazer relatos pessoais a um trabalho acadêmico se dá desde o período das ditaduras militares na América Latina, a partir do qual somente os relatos foram possíveis para trazer à tona o conhecimento sobre o que se passou aos sobreviventes, pois muitos documentos haviam sido destruídos. Desde então, o espaço biográfico ganhou nova visão no contexto acadêmico, sendo hoje uma temática amplamente utilizada e debatida (ARFUCH, 2010).

Dessa forma, tomei a liberdade de trazer meu próprio depoimento, pois minha vivência é o ponto de partida que instiga este trabalho e, tendo como base teórica as questões relacionadas ao negro brasileiro, construímos um projeto que resultou na coleção: Beleza negra de cabeça feita. Na qual, representamos a mulher negra consciente de sua beleza e que tem em seus traços negroides, principalmente os cabelos, o contraponto aos julgamentos estereotipados.

Os movimentos negros que houveram no passado foram de extrema importância para que o negro tivesse mais visibilidade e caminhasse em busca da igualdade racial. Mas, para além desses movimentos, para que haja alguma mudança em relação a essa imagem, também é necessário que alguns passos sejam dados, a começar pelas mulheres negras, para usufruir do conceito de negritude e para que reconheçam o seu valor e sua beleza. Bem como, toda sua capacidade em demonstrar seus valores pessoais.

O ponto de encontro deste projeto está entre o negro do passado, como os

negros quilombolas e a roupa de crioula de onde extrairemos referências para o design. E, o negro do presente, no qual as referências serão buscadas nos movimentos contemporâneos, buscando sempre salientar a beleza negra e trazendo um ar de sofisticação e elegância à mulher. Exploraremos toda a história que envolve a boneca *Abayomi* através do uso de nós, na técnica do macramê. O Turbante será usado de forma clássica e atual, sempre fazendo referência aos dois temas já apresentados.

Usamos, para o desenvolvimento da coleção, tecidos fluidos e estruturados, sendo eles sintéticos e naturais, além de muitos bordados e correntes no design de superfície têxtil. A coleção se dividirá em cinco famílias de quatro criações totalizando vinte looks. Crioula, Quilombo, Abayomi, Cabeça Feita e *Black Power*, são os nomes das famílias escolhidos para fazer referência aos aspectos estéticos levantados nos estudos e formam o encontro entre o negro de ontem e o de hoje que pretendíamos ao elaborar o projeto que dá origem a este artigo.

As peças se encontram em construção e o resultado será apresentado em um desfile, no início de julho de 2018.

Ver-se representada na moda é importante, tanto para a criança quanto para a mulher negra. E com o intuito de trazer essa representatividade é que todas as modelos que irão desfilar a coleção serão negras, com cabelos crespos e pouca maquiagem. O objetivo é trazer essa beleza de forma diferente, ressaltar os traços negroides e mostrar a beleza existente no cabelo crespo, além de tirar a modelo negra do campo exótico e colocá-la como destaque.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araujo. **Movimento negro e "democracia social" no Brasil**: entrevistas com lideranças do movimento negro. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. 15f.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: Dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- AZEVEDO, Celia M. Marinho de. Cotas Raciais e Universidade Pública Brasileira: Uma Reflexão à Luz da Experiência dos Estados Unidos. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S.l.], v. 23, ago. 2012. ISSN 2176-2767. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10725/7957>>. Acesso em: 1 abr. 2018.
- BAPTISTA, Neusa. **Cabelo Ruim?** A história de três meninas aprendendo a se aceitar. Cuiabá: Tanta Tinta, 2016.
- CARNEIRO, Edson. **Antologia do Negro Brasileiro**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- CHATAIGNIER, Gilda. **História da Moda no Brasil**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. **Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan-jun. 2005.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo online**, 2007, vol.12, n.23, p. 100-122. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-77042007000200007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 18 mar. 2018.
- FEIJÃO, Roseane. **Moda e Modernidade na belle époque carioca**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.
- FERREIRA, Lídia F. "Negritude", "Negridade", "Negrícia": história e sentidos de três conceitos viajantes. **Via Atlântica**, São Paulo, n.9, 22 p. jun. 2006.
- FILIPINO, Cynthia. **Com quantos 'nós' tecemos uma história?**: exposição itinerante de abayomis akpalôs. 2017. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização

em História)-Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

FREITAS, Joseania Miranda; FERREIRA, Luzia Gomes; MONTEIRO, Juliana. **As roupas de crioula no século XIX, e o traje de beca na contemporaneidade: uma análise museológica.** 2005. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia)-Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2014.

FRÜBEL, Jéssica; PITT, Cristiano Paulo. Zumbi dos Palmares. Resenha apresentada no **3º Simpósio Científico FTSG de Graduação e Pós-graduação.** Bento Gonçalves, RS: Centro Universitário da Serra Gaúcha, 2011. Disponível em: <<http://ojs.ftsg.edu.br/index.php/1simp/search/titles>> Acesso em: 3 abr 2018.

NICÁCIO, Rayza. Canal Rayza Nicácio: Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/rayzabatista>>. Acesso em: 05 abr. 2018. (YouTube).

PORTELA, Andrea Lomeu. **Trajetórias sociais das roupas do Museu Mariano Procópio: Tramas e Afetos.**2017. 257 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)-Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil: A escravidão acabou? A vida cotidiana dos escravos negritude e sexualidade.** 1939. 15. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

SANTOS, Jocélio Teles dos. O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos. **Departamento de Antropologia Universidade Federal da Bahia,** Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-546X2000000200003>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

SILVA, Joana Maria Ferreira da. **Centro de Cultura e Arte Negra – CECAN.** São Paulo: Selo Negro, 2012.

SILVA, Rosyane Maria da. **Iqhiya: Um olhar sobre o significado e a simbologia do uso de Turbantes por mulheres negras.** 2017. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Gestão de Projetos Culturais)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SILVA, Simone Rezende da. A trajetória do negro no Brasil e a Territorialização quilomba no ambiente florestado Atlântico. **Revista NERA,** São Paulo, n. 19, p. 73-89, jul. 2011.

SOARES, Luiz Carlos. **O povo de cam na capital do Brasil: a escravidão urbana no Rio de Janeiro no século XIX.** Rio de Janeiro: Faperj-7Letras, 2007.

TOUR PELO MEU ROSTO. Gabriela Oliveira. **Youtube.** 12 jan. 2018. 8min9s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CEOvcHPvvis>>. Acesso em: 27 fev. 2018.